



Preto No Branco: Olhar Sobre As Ações Afirmativas De Inclusão Do Negro Na UFPR¹

Hendryo ANDRÉ²

Elza OLIVEIRA FILHA³

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Ao verificar defasagens na cobertura jornalística referente às ações afirmativas voltadas ao ingresso de negros no ensino superior, seja por questões intrínsecas ao jornalismo diário ou por opções editoriais, houve a oportunidade de desenvolver como Trabalho de Conclusão de Curso o livro-reportagem “*Preto no Branco – olhar sobre as ações afirmativas de inclusão do negro na UFPR*”. Além de perceber no decorrer da pesquisa bibliográfica e da série de entrevistas o quanto as relações raciais não são uniformes no país e o quanto as linhas editoriais dos grandes veículos de comunicação tendem a repudiar as ações afirmativas, o resultado do projeto corroborou para a relevância do livro-reportagem como gênero jornalístico mais propício à compreensão dos pilares sociais, políticos, econômicos e culturais que sustentam a sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, educação, ações afirmativas, cotas raciais, livro-reportagem.

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre as desigualdades raciais no Brasil foram incorporadas definitivamente pelas agendas política e midiática nos últimos dez anos, em função do processo de implementação do *Estatuto da Igualdade Racial* – projeto aprovado em 2009 e que tem o objetivo de garantir, por meio de políticas públicas, maior espaço institucional à população negra. Um dos pontos de maior discussão do Estatuto foi aquele que se referia às ações afirmativas voltadas à educação superior, as chamadas *cotas raciais*.

A consolidação do debate se deve também à representatividade de afro-descendentes na população e às discrepâncias dos índices sociais, econômicos e educacionais quando se considera o recorte racial. A título de ilustração, o *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), revela que a população negra tornou-se maioria no país entre 1993 e 2007 (IPEA, 2008). Enquanto os brancos oscilaram de 54,2% para 49,4% no período, os pretos e pardos representam 49,8% dos brasileiros (eram 45,1%)⁴.

¹ Trabalho apresentado à Expocom, na categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso), do XVII Prêmio Expocom 2010.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Ano do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: hendryo_aa@yahoo.com.br.

³ Orientadora da pesquisa acadêmica.

⁴ Segundo o Ipea, *pretos e pardos* formam o grupo dos *negros*. O motivo disso se deve ao fato de que os indicadores socioeconômicos apontam maior proximidade dos pardos com os negros do que com os brancos.



Embora não trate exclusivamente do ensino superior, o levantamento aponta que há desigualdades raciais no acesso à educação dos indivíduos com idade superior a 16 anos:

Sobressaem-se as desigualdades de gênero, enquanto as de raça permanecem inalteradas. Ou seja, diferentemente do indicador para a população geral, os dados de 2007 mostram as mulheres com um ano a mais de estudo em média do que os homens (8,4 contra 7,4). Já para os negros, a distância de dois anos em relação à população branca permanece sendo observada (6,8 e 8,8). (...) Ao se analisar simultaneamente as clivagens de gênero e raça tem-se que a melhoria universal verificada neste indicador não só não foi capaz de reduzir as desigualdades, como produziu uma situação em que negros apresentavam, em 2007, média de anos de estudo inferior à verificada para brancos em 1993. Assim, enquanto a média de anos de estudo era de 7,1 para brancos e de 4,7 para negros no início do período acompanhado, em 2007, estes valores subiram para, 8,8 e 6,8, respectivamente. Uma redução de apenas 0,4 anos na desigualdade em um período acumulado de quinze anos (IPEA, 2008, p. 19).

Os números citados são espelhados na representatividade dos grupos étnicos na educação universitária, embora tenha havido veto da cláusula do *Estatuto da Igualdade Racial* que garantiria durante determinado prazo a reserva de 20% das vagas nas universidades públicas para afro-brasileiros. Assim, não há nenhuma política pública direta para modificar o quadro de formação do ensino superior do país, no qual, de acordo com Kabengele Munanga (2009), 97% das cadeiras são ocupadas por brancos, contra 2% de negros. Para que haja igualdade de competição, de acordo com o autor, “*os negros levariam cerca de 32 anos para atingir o atual nível [de representatividade] dos alunos brancos. Isso supõe que os brancos fiquem parados em suas posições atuais esperando a chegada dos negros, para juntos caminharem no mesmo pé de igualdade*” (MUNANGA, 2009, p. 02).

A falta de acesso à educação formal está em concomitância com a renda dos diferentes grupos étnicos. Embora seja possível perceber que a distorção na remuneração entre brancos e negros diminuiu de forma gradativa no período entre 1993 e 2007, ela ainda é relevante: no último ano analisado, em paridade de funções, “*as mulheres brancas ganhavam, em média, 62,3% do que ganhavam homens brancos, as mulheres negras ganhavam 67% do que recebiam os homens do mesmo grupo racial e apenas 34% do rendimento médio de homens brancos*” (IPEA, 2008, p. 33). Os salários desproporcionais geram um quadro social instável: entre os 10% dos brasileiros mais pobres, 67,9% são negros – a proporção é reduzida a 21,9% no grupo dos 10% mais ricos (id.).

Ao mesmo tempo em que os indicadores revelam as desigualdades raciais, outros destacam a expansão do acesso à graduação em duas instâncias. A primeira delas durante o



regime militar (1964-1985), quando a quantidade de vagas ofertadas cresceu quase dez vezes (ANDRICH, 2006), enquanto a segunda fase, correspondente aos anos noventa, foi marcada pela privatização das universidades. Os reflexos disso podem ser mensurados por uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). Nela, demonstra-se a incongruência entre as esferas de educação: 89,33% das organizações pertencem à iniciativa privada (ABMES, 2005).

Ora, ao mesmo tempo em que os números apontam um quadro de violência no que concerne à questão racial, o ensino superior privado cresce em representatividade, de modo que o acesso fica cada vez mais difícil às faixas com menor poder aquisitivo da população. Da história de cinco personagens ingressantes por ações afirmativas no vestibular, o livro-reportagem “*Preto no branco: olhar sobre as ações de inclusão do negro na UFPR*” busca não só aprofundar a reflexão sobre a implantação e a repercussão das políticas afirmativas dentro da Universidade, mas compreender parte da construção das relações raciais no país a partir da investigação jornalística.

Ao considerar o vertiginoso processo de urbanização no Brasil – fenômeno que propiciou a reunião de diversos grupos sociais e raciais em um mesmo espaço, a ponto de as contradições tornarem-se mais complexas – como pilar de construção da sociedade contemporânea, o trabalho complementa as abordagens da imprensa periódica.

2 OBJETIVO

O objetivo geral do Trabalho de Conclusão de Curso foi o de aguçar a reflexão, por meio de um livro-reportagem, sobre o contexto no qual emergiram as ações afirmativas para negros na UFPR, sem desconsiderar a extensão de fatores históricos, culturais, sociais e econômicos que influenciaram na formação dos grandes centros urbanos e, a partir disso, contribuir para a erradicação de preconceitos. Para atingir tal proposta de trabalho, foi necessário: 1) analisar parte da realidade pela qual passam estudantes beneficiados dentro e fora da universidade; 2) mostrar que a “meritocracia” só é o elemento principal para o acesso ao ensino universitário quando se desconsidera a educação em suas principais vertentes; 3) esclarecer o processo histórico e apresentar distintas abordagens para que o leitor tenha real possibilidade para analisar o assunto; e, finalmente, 4) dissecar o debate sobre as políticas compensatórias para negros na UFPR ao verificar aspectos pouco ou nada abordados pela imprensa diária.



3 JUSTIFICATIVA

O déficit social no acesso à educação superior, principalmente no impedimento estrutural da participação da parcela negra da sociedade, foi o maior motivo para a elaboração do livro-reportagem. A falta de publicações de cunho jornalístico aprofundadas sobre a implantação e repercussão das ações afirmativas na UFPR, além da vastidão de abordagens que o tema proporciona, aliados ao desejo intrínseco do autor em elaborar um produto como um livro-reportagem, foram os principais fatores a sedimentarem a proposta de trabalho. Ao buscar contribuir com essa lacuna de conhecimento, o trabalho visou auxiliar a conscientização de uma sociedade que, segundo Marilena Chaui, é “*autoritária, tecida por desigualdades profundas, [e que] gera um sistema institucionalizado de exclusões sociais, políticas e culturais*” (CHAUI, 2001, p. 123).

Mais que promover a discussão sobre a implantação do sistema de cotas, o livro-reportagem herdou da fundamentação teórica a premissa (e por que não a provocação?) de que o maior mérito para o acesso à universidade quase sempre foi a condição social e étnica favorável, e é a partir disso que a opção pelo gênero se mostrou válida. Tal produto, com suas características próprias, diferencia-se das demais publicações justamente pela linguagem jornalística da grande reportagem, chamativa à leitura por sua essência, fator que atrai os leitores com maior facilidade do que livros de Sociologia ou História.

Cremilda Medina (2003) alerta que, embora jornalistas e sociólogos utilizem de metodologias distintas de trabalho – e é possível incluir historiadores nesse grupo –, é imprescindível que ambas as profissões priorizem a aprendizagem:

A rigor, o jornalismo sistematiza sua autocompreensão fenomenológica há pouco tempo. A comunicação coletiva, então, nem se fala. (...) Estamos, no Brasil, em um patamar de artífices pouco conscientes de suas próprias possibilidades. Atropelamos, pelo *faro*, pelo *jogo de cintura*, pelas agilidades inatas ou pseudo-inatas, a etapa de acúmulo de conhecimentos. Há até um certo preconceito quanto à teorização, como se esse campo específico não estivesse submetido às mesmas características da reflexão sobre o fazer (MEDINA, 2003, p. 20).

A diversidade de argumentações remeteu à necessidade de reflexão sobre questões históricas e sociológicas e acredita-se que, felizmente, tal exigência tenha enriquecido a discussão no livro. As referências bibliográficas ratificam o pressuposto de que o acesso à educação universitária é privilégio de alguns grupos sociais no país desde sua implantação, além de frisarem o papel de discriminação sofrido pelo afro-brasileiro.



4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Com base na definição de livro-reportagem de Edvaldo Pereira Lima, é possível tangenciar que esse gênero tem como base o aprofundamento à investigação realizada pela “*imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, revistas e emissora de rádio e televisão*” (LIMA, 1993, p. 07). Assim, na constituição deste livro-reportagem buscou-se penetrar “*em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade*” (id.).

Para obter êxito na proposta de trabalho, foram mesclados quatro dos 14 estilos de livro-reportagem classificados por Lima (2004), de modo que cada um deles atendeu a um dos objetivos específicos da fundamentação teórica (a coesão destes subgêneros, por fim, representaram o objetivo geral do trabalho): o estilo *perfil*, cujo principal aspecto é a representação de uma pessoa para ilustrar um grupo social “*passando como que a personificar a realidade do grupo em questão*” (LIMA, 2004, p. 52) está interligado à interpretação de parte da realidade pela qual passam os cotistas raciais. Já a classificação *retrato*, que “*não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão*” (LIMA, 2004, p. 53) se relaciona à “*meritocracia*”, o elemento principal para o acesso ao ensino universitário quando se desconsidera a educação em suas principais vertentes. O autor ainda categoriza o livro-reportagem como *história*, estilo cuja principal propriedade está na utilização de elementos do passado para contextualizar uma situação presente – há paridade entre esse modelo e o objetivo de análise do processo histórico. Enfim, usa-se a classificação *atualidade*, cujo teor contempla o debate sobre as ações compensatórias para negros na UFPR a partir de aspectos pouco ou nada abordados pela imprensa diária:

[Esse estilo trabalha com] temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. Assim, permite ao leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro. Facilita a identificação das forças em conflito que poderão determinar o desfecho (LIMA, 2004, p. 56).

A partir desses estilos – e do levantamento histórico e sociológico do tema – estipula-se que parcela da complexidade dos grandes centros urbanos, inclusive no que tange as relações raciais, pôde ser abordada pelo produto oriundo da pesquisa acadêmica.



5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Dividido em cinco capítulos, o livro utiliza um aspecto relevante da grande reportagem, conforme sugere Medina:

[A] reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstituir o diário da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional, passou a ser um marco de pesquisa cada vez mais consistente (MEDINA, 2003, p. 52-53).

Por isso, trabalhar com os perfis de cinco alunos beneficiados pelas ações afirmativas possibilitou que tais personagens pudessem simbolizar as distintas formas de relações raciais no país. No entanto, como a temática mostrou-se complexa desde a elaboração do projeto de pesquisa, foi necessário criar um desafio particular: o de adaptar diversos pontos tratados na fundamentação teórica (no aspecto da própria linguagem) no livro-reportagem o que, em caso de êxito, supriria a compreensão de um grande recorte da temática. Assim, a estrutura do livro converge dois pontos aparentemente antagônicos apresentados por Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986): a reportagem-documental (*quote-story*) e a reportagem-conto. Para os autores, o primeiro estilo assume um formato de caráter pedagógico:

[A *quote-story*] apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. Comum no jornalismo escrito, esse modelo é mais habitual nos documentários da televisão ou do cinema. A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante (FERRARI, SODRÉ, 1986, p. 64).

Por outro lado, a reportagem-conto tem potencial para humanizar as entrevistas, o que a torna emotiva por essência: o processo de humanização “*se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele ‘que está presente’, servindo de ponte (...) entre o leitor e o acontecimento*” (FERRARI, SODRÉ, 1986, p. 15). Os autores complementam:

Na narrativa literária, o conto costuma ser a forma mais curta; em jornalismo, a reportagem é a mais longa. Mas as duas formas muito se assemelham: pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica como ‘interesse humano’. Na literatura, o conto apresenta uma centelha, um momento, uma fatia temporal da existência de um personagem. No jornalismo – tanto no chamado livro-reportagem, quanto no jornal diário – a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia (FERRARI, SODRÉ, 1986, p. 75).



Por isso, ao convergir dois estilos aparentemente conflitantes, o livro-reportagem procurou não apenas olhar sobre as ações afirmativas de inclusão do negro na UFPR, mas sim imprimir ao contexto social o toque humano, característica que para Medina (2003) é uma peculiar mistura entre arte e ciência:

Embora os guetos de excelência se digladiem pelo poder, o gesto criador do estudioso, do pesquisador, desmonta a ideologia e aflora a rebeldia. É aí que o artista se encontra com o cientista e ambos se contaminam com a fabulação das sabedorias poéticas do cotidiano (MEDINA, 2003, p. 60).

Ao priorizar perfis com personagens na iminência do egresso (ou seja, pessoas que já passaram pela maior parte da graduação e puderam constatar como se desenvolvem as relações raciais dentro da Universidade), o produto adquiriu subsídios para explicar a arte de tecer o presente, em paráfrase a Medina.

Para cumprir essa determinação, houve necessidade de estabelecer conexões entre a construção da narrativa jornalística e as técnicas de entrevistas. Medina (2003) as distribui em quatro grupos: *entrevistas-rito*, *anedóticas*, *diálogo* e *neoconfissões*. Enquanto os dois primeiros modelos têm como fundamento a exposição do entrevistado, os dois últimos têm potencial para marginalizar os princípios da comunicação massiva. A entrevista-diálogo “*é uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema*” (MEDINA, 2003, p. 15). Por outro lado, essa conversa pode ser tão intrapessoal que é capacitada a ser transformada em uma entrevista *neoconfissional*:

O entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior. Alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social. Tal entrevista traz em si sua ambivalência: toda a confissão pode ser considerada como um *strip-tease* da alma, feita para atrair a libido psicológica do espectador, quer dizer, pode ser objeto de uma manipulação sensacionalista, mas também toda a confissão vai muito mais longe, muito mais profundamente que todas as relações humanas superficiais e pobres da vida cotidiana (MEDINA, 2003, p. 15).

Apesar dessa intenção, foi necessário ter consciência de que há uma linha tênue entre a conversa neoconfissional e o sensacionalismo. Nesse sentido, deve ser ponderado que no decorrer da série de entrevistas houve total ligação entre a teoria descrita pela pesquisa acadêmica com os relatos das personagens, de modo que em algumas das entrevistas foi possível mergulhar na fonte a ponto de “*compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida*” (MEDINA, 2003, p. 18).



Nesse sentido, foi crucial a reaproximação entre o jornalismo e a literatura, cuja distância no Brasil cresceu desde meados do século XIX, época na qual os jornais passaram progressivamente a priorizar o princípio industrial, ou seja, a partir da própria inserção da indústria como detentora principal dos meios de produção e da forte tendência de movimentos migratórios para a formação cosmopolita. O livro-reportagem visto por esse viés segue o caminho contrário: a notícia elaborada não é industrial e a própria construção deste produto busca elementos subjetivos, os quais a vida urbana moderna, em tese, ojeriza.

Para auxiliar o processo de compreensão da mensagem jornalística, contudo, ganha relevância a utilização das referências bibliográficas, que podem ser classificadas como *conceituais*. Nelas, o jornalista “*busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e espírito aberto a serviço de determinados conceitos*” (MEDINA, 2003, p. 17).

Projeto Gráfico

Os 170 mil caracteres que compõem o livro-reportagem, distribuídos em 134 páginas no formato 140 mm x 210 mm, em papel sulfite A5 (gramatura 75 g/m²), foram escritos com a fonte *Palatino Linotype, tamanho 10,5* (Palotino linotype), pertencente ao *estilo antigo*. Segundo Robin Williams, essa tipografia foi inspirada na escrita dos escribas:

Os estilos antigos sempre têm serifas. (...) Por isso, todos os traços curvos das letras passam de grossos para finos, o que chamamos tecnicamente de ‘transição grosso-fino’. Esse contraste no traço é relativamente moderado, o que significa que ele passa de fino a mais grosso. (...) Sua ‘invisibilidade’ é exatamente o que faz com que os tipos em estilo antigo formem o melhor grupo de tipos para grandes extensões de texto corrido. É raro haver características diferenciadas que apareçam na leitura; essas características não chamam atenção (WILLIAMS, 1995, p. 84).

Como se optou em vários momentos pela *reportagem-documental*, houve a necessidade do uso de citações e notas de rodapé, fator que exigiu um estudo sobre a criação de tipologia que deveria ser empregada no projeto gráfico. Williams discorre sobre o elemento de *concordância* entre as fontes, opção utilizada na diagramação para evitar que o conflito tipográfico pudesse distrair o leitor mais que o próprio conteúdo:

Um *design* estará em *concordância* quando você optar pela utilização de apenas uma fonte e os outros elementos que compõem a página possuírem as mesmas qualidades daquela fonte. Talvez você utilize a versão em itálico da mesma fonte; talvez você coloque um tamanho maior nos títulos; talvez você use uma imagem ou vários ornamentos, mas a impressão básica ainda será concordante. A maioria dos *designs* concordantes tende a ser mais calma e formal. Isso não significa que a concordância seja indesejável. Basta estar consciente da impressão que você criará aplicando elementos que estejam todos em concordância entre si (WILLIAMS, 1995, p. 76).



No entanto, para o cabeçalho (título do livro na página esquerda e nome do capítulo na direita) e o rodapé (numeração) optou-se pela fonte Agency FB, em tamanho 12 (Agency FB), enquanto nas citações dos finais de cada capítulo foi empregado o estilo Bookman Old Style, em corpo 9 (Bookman Old Style).

Além disso, o projeto gráfico contempla os quatro princípios básicos do design: 1) *contraste*, utilizado na separação entre os capítulos (com páginas pretas). O objetivo desse princípio é “evitar elementos meramente similares em uma página. Se os elementos (tipo, cor, tamanho, espessura da linha, forma, espaço, etc.) não forem os mesmos, diferencie-os completamente. O contraste costuma ser a mais importante atração visual de uma página” (WILLIAMS, 1995, p. 14); 2) *Repetição*, empregada no tamanho e posicionamento das seções do livro (agradecimentos, sumário, introdução, nome dos capítulos e referências bibliográficas):

A repetição pode ser considerada como ‘consistência’. Ao olhar para um *newsletter* (jornal) de oito páginas, é justamente a repetição de alguns elementos (...) que faz com que cada uma dessas oito páginas pareça pertencer ao mesmo newsletter. (...) Porém, a repetição vai além da simples consistência: é um esforço consciente para unificar todos os elementos do *design* (WILLIAMS, 1995, p. 43);

3) *Alinhamento*, cuja utilização faz com que os elementos de uma página criem ligação visual entre si e, finalmente; 4) *Proximidade*, cuja atribuição está no arranjo de grupos similares.

Todos os princípios do design foram utilizados também na capa, desenvolvida pelo próprio autor, a partir da fotografia da acadêmica do curso de Jornalismo da Universidade Positivo Dilair Queiroz. Única imagem do livro, a fotografia da capa representa uma união inter-racial complexa, pois, ao mesmo tempo em que a imagem denota união, conota embate: a preferência por mãos femininas se deve à “sutileza” dessa luta, semelhante aos conflitos ocorridos entre grupos étnicos no Brasil e que mimetizam o racismo.

6 CONSIDERAÇÕES

O próprio predicado de se formar em uma universidade privada e analisar o universo de uma instituição pública, ao contrário do que o próprio autor chegou a ter receio no início do trabalho (em novembro de 2008, com o pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado para a disciplina *Pesquisa em Comunicação*) agregou valor aos



resultados expostos no livro-reportagem. Concluído o trabalho, o saldo final mescla elementos bons e ruins interpretados a partir da formação acadêmica da rede privada, além de traçar um paralelo de proximidade com a universidade pública – a fase de entrevistas, que ocorreu no segundo semestre de 2009, possibilitou maior convívio na UFPR, fato que contribuiu para a compreensão de parte da realidade dos cotistas. Estudar a escola pública, portanto, foi sentir a necessidade de conhecer a particular – e a recíproca se mostra verdadeira. De alguma forma isso pôde ser apresentado no produto final.

Escrever um livro-reportagem, como já compartilhado na justificativa, era um desejo de explorar o mundo do gênero jornalístico cujo potencial de informação parece não ter fim. A própria convivência com a mídia impressa anterior, por meio de estágios tanto em jornal diário como em revista, ofereceu subsídios para a elaboração do volume. São meios de comunicação distintos, definitivamente, e frisa-se o último como aquele no qual a pauta exige maior fôlego do repórter, a redação mais criatividade, o projeto gráfico – apesar de mais simples que o de uma revista, por exemplo – mais cuidado. Desenvolver um produto com essas características sugere mais que dedicação e comprometimento, fundamentais em qualquer área do jornalismo: exige pesquisa para amarrar cada parágrafo e cada linha a uma explicação coerente.

Compreender a situação na qual os alunos cotistas chegaram e vivenciaram a universidade foi apenas uma das muitas contribuições resultantes no livro. A exigência da leitura e releitura de artigos, livros, notícias e reportagens sobre o tema, além da transcrição de depoimentos, os horários muitas vezes alternativos para entrevistas, a procura incessante por personagens que se comprometessem pelo assunto, as orientações, a redação do texto, a elaboração de um projeto gráfico, a diagramação, a montagem da capa, revisão e impressão fizeram com que a preocupação com o caráter acadêmico de cada etapa da produção crescesse, a ponto de haver a destituição de uma alcunha do acadêmico em relação ao campo da pesquisa científica. O envolvimento com o tema foi tamanho que culminou não só na elaboração do livro-reportagem, como também na produção de um artigo científico apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), construído a partir de uma análise da reportagem de capa da *Revista Época* sobre políticas afirmativas (edição 568, 06/04/2009). Além disso, o contato com a pesquisa acadêmica instigou a participação no processo de seleção (e o ingresso) no mestrado em Comunicação da própria UFPR. O mais simbólico, no entanto, depois de um ano debruçado em exames diários sobre o tema e da consolidação do trabalho, foi a percepção de que a pesquisa não poderia ter acabado naquele ponto final.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRICH, Emir Guimarães. **A Educação Superior no Brasil: Uma Análise dos Aspectos da Legislação Relacionados à Privatização do Sistema e à Qualidade do Ensino**. Curitiba: UFPR, 2006. 160 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/7608/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.PDF>>. Acesso em: 28 set. 2009.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). **Números do Ensino Superior Privado no Brasil**: 2006. Brasília: 2005. Disponível em http://www.abmes.org.br/download/Associados/Publicacoes/Numeros/2006/ABMES_Numeros_2006.pdf. Acesso em: 01 jun. 2009.

CHAUI, Marilena. **Escritos Sobre a Universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986. v. 14

INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**: 2008. 3ª Edição. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/081216_retrato_3_edicao.pdf. Acesso em: 24 mar. 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Políticas de ação afirmativa em Benefício da População Negra no Brasil – um Ponto de Vista em Defesa das Cotas**. Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas: 2009. Disponível em <http://www.lppuerj.net/olped/documentos/ppcor/0121.pdf>. Acesso em 20 mar. 2009.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. São Paulo: Callis, 1995.